

De FERNANDO CABRAL MARTINS

### COMPRANDO CAFÉ MUITOS ANOS DEPOIS

Tu entretanto foste-te embora, para outra cidade e para outro país, já mudaste de homem mais que uma e que duas vezes, e não mudaste nada. Tenho a tua imagem bem na cabeça. Não pode mudar facilmente a mata de cabelos louros, a boca carnuda, feita da polpa das ameixas, a luz coada dos olhos grandes sempre em movimento, e em toda a parte onde entras tu ficas no centro do mundo. Foi assim que aconteceu naquela tarde em que viemos comprar café a esta loja e tiveste uma conversa entre gargalhadas com o homem que vende os grãos de arábica, e depois eu tenho vindo sempre a ir àquela loja comprar os mesmos grãos de arábica e lá está o mesmo homem, agora com o bigode branco, e com os olhos iguais, e sei que ele me reconhece dessa tarde primeira, ou que para ele foi a primeira em que decorou a minha existência, e fiquei assim, eu sei, ligado a ti e iluminado como os satélites pela tua luz de estrela tornei-me visível aos seus olhos. Dessa vez, o homem não sabe, mas fomos para minha casa e fizemos uma dose exagerada de café, de tal modo que não jantámos, não nos despimos e no entanto rolámos um sobre o outro até de madrugada, numa carícia sem fim, até cairmos de sono. E sei que continuaste a usar como relíquia uma técnica de fazer café que te ensinei, na clepsidra de vidro que há milénios se me partiu em outras andanças. Hoje voltei à mesma loja a comprar os mesmos grãos de café e lá estava o mesmo homem com o cabelo mais grisalho e lá estava a tua imagem, que eu li nos olhos dele muito vivos, e vagueei os olhos pelo estabelecimento onde cheirava tão bem, ele misturava os grãos que eu tinha escolhido, a tarde ia descendo nas pedras azuladas da igreja em frente, e eu soube que estavas ali, de alguma maneira estavas ali. Já não era apenas a minha memória, nem a minha mania de que a memória dele era projectiva e

clarividente, nem nenhuma metonímia em qualquer dos seus diferentes graus de absorção. Dei conta de que estavas ali como estava ali, impregnando um milhão de átomos daquele lugar, como estava ali também a cena de há tantos anos em que te tinhas rido com este homem, e estávamos os dois ansiosos por rebolar por cima um do outro, tudo agarrado às estantes com caixas de bombons que eram as mesmas, e com máquinas-clepsidras expostas nos mesmos lugares, entre os sabores de milhões de grãos de café nas suas largas gavetas.

## **TERROR**

Ela levantou-se e disse que se ia embora. E saiu, fechando a porta no mesmo gesto. Ele sentiu ao seu redor a luz escurecer, o espaço retrain. Saiu também, à pressa, a ver se ainda a apanhava nas escadas.

## VIAGEM AO ALGARVE

Vai-se pela ponte, depois pela estrada fora e desembocamos no Alentejo. Aqui é um largo correr arredondado da terra de cores claras. Uma casa está vestida de branco e azul. Uma igreja é uma chama clara que se levanta num monte. A estrada não tem razões para deixar a linha recta, e parece afundar-se no infinito. E depois, não mais que de repente, repara-se que já não é no Alentejo que estamos. Nem na montanha, porque há um cheiro que nos atinge e fala das figueiras que depois, olhando, se não vêem. E há uma luz muito doce, um calor levíssimo, que entorna o azul com cuidado sobre a terra pisada de arbustos. É um halo transparente, uma onda morna que nos envolve. O mar aparece ao fundo, uma linha nítida que cresce. Aqui podemos deitar-nos no mar e abraçar a terra.